

# Escatologia e Evangelho

Patch Blakey

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

Embora variadas em muitos aspectos, cada um das três principais visões milenaristas (tirando o pós-milenismo) são semelhantes no fato que vêem o mundo crescendo em corrupção moral no decorrer do tempo, com o eventual triunfo do pecado sobre todas as culturas, até que no fim da história Cristo retorne para vencer o mal e salvar o mundo. Aqueles que subscrevem a uma dessas três primeiras visões se encontram numa situação contraditória - obrigados por um lado a proclamar a graça *salvadora* de Deus por meio da pregação, e, todavia, ao mesmo tempo firmemente convencidos que, a despeito dos melhores esforços da Igreja, o mundo ainda afundará na frouxidão moral por causa do triunfo do mal na história.

Mas o que a escatologia, o estudo do final dos tempos, tem a ver com o evangelho? Tudo! O evangelho é as “boas novas” ou “alegres novas de boas coisas” (Rm. 10:15). Cristo mesmo veio para salvar o mundo, não para julgá-lo (Jo. 12:47, 4:42, 16:33, 3:16).

Jesus cumpriu o seu propósito declarado? Na cruz Jesus disse: “Está consumado!” (Jo. 19:30). Ele estava simplesmente confessando que sua oportunidade de salvar o mundo tinha passado, e finalmente Ele chegou à trágica compreensão que tinha falhado em sua missão ordenada por Deus? Ele estava reconhecendo com desânimo que os poderes das trevas tinham lhe frustrado, e o pecado ainda prevaleceria no mundo porque Ele não conquistou o mesmo? O pecado reinará no mundo até o fim, quando Ele tiver Sua segunda chance para tentar esmagá-lo? Isso tudo soa como “alegres novas de boas coisas”?

Ora, não conheço ninguém que professe a Cristo, e que concorde com algo do parágrafo acima. Pelo contrário, os cristãos afirmariam veemente e corretamente que Cristo disse: “Está consumado!”. Ele estava proclamando vitoriosamente que teve sucesso no cumprimento do Seu propósito. Eles reconheceriam zelosamente que Cristo conquistou o pecado e os poderes das trevas (Jo. 1:29, Cl. 1:13), que o pecado não tem mais domínio sobre nós (Rm. 6:14), e que as trevas estão passando agora (1Jo. 2:8).

O evangelho é a mensagem da esperança, há tempos prometida e ardentemente esperada, da redenção que Deus faria do Seu povo. Essa promessa começou a ser revelada imediatamente após a queda da humanidade em Adão, quando Deus disse à serpente: “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente [Cristo]; esta te ferirá a cabeça, e

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em fevereiro/2008.

tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn. 3:15). Esse foi o início do pacto (aliança) de redenção de Deus.

O propósito redentor de Deus foi manifestado adicionalmente em Seu pacto com Noé para preservar a humanidade: “E eu convosco estabeleço a minha aliança, que não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio, e que não haverá mais dilúvio, para destruir a terra” (Gn. 9:11). A promessa de redenção de Deus é ampliada ainda mais em Seu pacto com Abraão: “E estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, por aliança perpétua, para te ser a ti por Deus, e à tua descendência depois de ti” (Gn. 17:7). Mesmo a Lei, dada por meio de Moisés, teve um propósito redentor em mostrar ao homem sua pecaminosidade e sua necessidade de um Salvador. A Lei, representada nos Dez Mandamentos, é também uma expressão do pacto de redenção de Deus. “Escreve estas palavras; porque conforme ao teor destas palavras tenho feito aliança contigo e com Israel. E estive ali com o SENHOR quarenta dias e quarenta noites; não comi pão, nem bebi água, e escrevi nas tábuas as palavras da aliança, os dez mandamentos” (Ex. 34:27-28). E novamente com Davi, falando do Cristo, o Senhor prometido, “este edificará uma casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre” (2Sm. 7:13).

Alguns poderiam protestar que Jeremias falou de um *novo* pacto: “Eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que farei uma aliança nova... Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (Jr. 31:31,33). Certo. E quem é o Mediador da Nova Aliança? Cristo (Hb. 9:15; 12:24), que cumpriu a Antiga Aliança (Mt. 5:17)!

Assim, o que o evangelho tem a ver com escatologia? O evangelho que pregamos é de esperança ou desespero? O evangelho é “o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Rm. 1:16)? Cristo está de fato sentado à destra de Deus o Pai (Hb. 8:1), tendo recebido toda a autoridade no céu e na terra, ordenando que Seu povo, a Igreja, vá e faça discípulos de todas as nações (Mt. 28:18-20)? Cristo recebeu a ordem de sentar-se *até* que todos os Seus inimigos tornem-se escabelo dos Seus pés (Hb. 1:13)? Deus é um homem para que mentisse ou filho do homem para que se arrependesse (Nm. 23:19), fazendo assim que Suas promessas não tivessem nenhum efeito?

Portanto, ao pregarmos o evangelho da esperança e de um Cristo vitorioso, estamos simultaneamente nos encontrando culpados de contradizer esse evangelho com uma escatologia de pessimismo? Estamos menosprezando a obra expiatória eficaz de Cristo sobre a cruz, ao ensinar que Cristo conseguiu salvar apenas uns poucos, enquanto o mundo corre em direção à vitória do pecado na história? Como a sua escatologia se compara ao evangelho *salvador* de Cristo?

**Fonte: *Credenda/Agenda*, Volume 14, Issue 5.**